



*É LÍCITO FAZER IMAGENS DE*  
**CRISTO?**



SOCIEDADE PELA  
**REFORMA**



# É LÍCITO FAZER IMAGENS DE CRISTO?

---

A questão da conveniência das representações gráficas do Salvador é tal que merece ser analisada. Há de se assentir que a adoração a Cristo é central em nossa santa fé, e que o pensar a respeito do Salvador deve, em qualquer instância, ser acompanhado com a reverência que pertence a Seu culto. Nós não podemos pensar nEle sem a apreensão da majestade que Lhe é própria. Se não recebemos em nós o especial senso de sua majestade, então somos culpados de impiedade e de desonrá-lo.

Deve ser reconhecido que o único propósito que com propriedade poderia ser alcançado por uma representação pictórica é o de que ela transmitiria a nós algum pensamento ou lição que representasse a Cristo, em consonância com a verdade e capaz de promover adoração. Daí, a pergunta é inevitável: é uma representação pictórica uma forma legítima de transmitir a verdade a respeito dEle e de contribuir com a adoração que esta verdade deve evocar?

Estamos todos conscientes da influência exercida sobre a mente e o coração pelas imagens. As imagens são poderosos meios de comunicação. Como elas são sugestivas para o bem ou para o mal, e tanto o mais quando acompanhadas do comentário da palavra escrita ou falada! É inútil, portanto, negar a influência exercida sobre a mente e o coração por uma imagem de Cristo. E, se tal é legítimo, a

influência exercida deveria ser tal que constrangesse ao culto e à adoração. Reclamar qualquer objetivo menor que este, como se servido por uma imagem do Salvador, seria contradição ao lugar que Ele deve ocupar no pensamento, afeição e honra.

O argumento para a conveniência das imagens de Cristo se baseia no fato de que Ele era verdadeiramente homem, que tinha um corpo humano, que era visível em Sua natureza humana para os sentidos físicos, e que uma imagem nos ajuda a absorver a estupenda realidade da Sua encarnação, ou seja, que Ele foi feito à semelhança dos homens e foi encontrado em forma de homem.

Nosso Senhor tinha um corpo verdadeiro. Ele poderia ter sido fotografado. Um retrato poderia ter sido feito dEle e, se fosse um bom retrato, teria reproduzido sua imagem.

Sem dúvida, os discípulos, nos dias de Sua carne, possuíam uma vívida imagem mental da aparência de Jesus e não poderiam deixar de ter retido esta recordação até o fim de seus dias. Eles nunca poderiam reter o pensamento nEle, pensar em como Ele peregrinou ao seu lado, sem algo daquela imagem mental e não poderiam tê-la à parte da adoração e do culto. As características em si, das quais se lembravam, seriam parte integrante da concepção que tinham dEle, e das remiscências do que Jesus fora para eles em sua humilhação e na glória da aparência da sua ressurreição. E muito mais poderia ser dito a respeito da importância das características físicas de Jesus para os discípulos.

Ademais, Jesus também é glorificado no corpo e esse corpo é visível. E também se tornará visível para nós, na sua vinda gloriosa “aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.” (Hebreus 9:28).

O que, então, podemos dizer sobre as imagens de Cristo? Primeiro de tudo, é preciso dizer que não temos qualquer tipo de dados como base para fazer uma representação pictórica; não temos descrições de suas características físicas para que ao menos permitissem ao mais aperfeiçoado dos artistas fazer um retrato aproximado. Tendo em conta a profunda influência exercida por uma imagem, especialmente nas mentes dos jovens, devemos perceber o perigo envolvido em um retrato para o qual não há nenhuma garantia, um retrato que é criação da pura imaginação. Tal pode auxiliar a assinalar a tolice de perguntar: qual seria a reação de um discípulo, que realmente vira ao Senhor nos dias da sua carne, ante um retrato que seria obra da imaginação de alguém que nunca viu o Salvador? Assim, facilmente podemos detectar qual seria a sua repulsa.

Nenhuma impressão que temos de Jesus deve ser criada sem a adequada informação revelatória, e cada impressão, cada pensamento, deve evocar o culto. Assim, uma vez que não possuímos dados reveladores para uma imagem ou retrato no sentido próprio do termo, estamos impedidos de fazer uma ou de usar qualquer uma que tenha sido feita.

Em segundo lugar, as imagens de Cristo são, em princípio, uma violação do segundo mandamento. Uma imagem de Cristo, se serve a algum propósito útil, deve evocar algum

pensamento ou sentimento a respeito dEle e, tendo em vista o que Ele é, este pensamento ou sentimento será de adoração. Não podemos evitar fazer da imagem um meio de adoração. Mas, uma vez que os materiais para esse meio de culto não são derivados da única revelação que possuímos a respeito de Jesus, ou seja, das Escrituras, o culto por meio de imagens é limitado a uma criação da mente humana que não tem garantia revelatória. É uma adoração baseada na vontade humana apenas. O princípio ensinado pelo segundo mandamento é que devemos adorar a Deus somente nas formas prescritas e autorizadas por Ele. É um grave pecado cultuar compelido por uma invenção humana, e é isso que uma imagem do Salvador envolve.

Em terceiro lugar, o segundo mandamento proíbe curvar-se a uma imagem ou semelhança de qualquer coisa em cima no céu, ou embaixo na terra, ou que está na água debaixo da terra. A imagem do Salvador pretende ser uma representação ou semelhança dEle que está agora no céu ou, pelo menos, de quando Ele peregrinou na terra. É claramente proibido, portanto, prostrar-se diante de tal representação ou semelhança. Isso expõe a iniquidade envolvida na prática de expor representações pictóricas do Salvador em locais de culto. Quando adoramos ante uma imagem de Nosso Senhor, quer seja sob a forma de um mural, ou em tela, ou em vitrais, estamos fazendo o que o segundo mandamento proíbe expressamente. O que se torna ainda mais evidente se tivermos em mente que a única razão pela qual uma imagem deveria ser exibida em um lugar é a suposição de

que ela contribuiria para a adoração daquele que é o nosso Senhor. Esta prática só demonstra como é fácil tornar-se insensível aos mandamentos de Deus e às incursões da idolatria. Que a Igreja de Cristo esteja desperta para os expedientes enganosos pelos quais o arqui-inimigo sempre tenta corromper a adoração do Salvador.

Em resumo, o que está em jogo nessa questão é o único lugar que Jesus Cristo como o Deus-homem ocupa em nossa fé e no culto que prestamos; e o lugar único que a Escritura ocupa como a única revelação, o único meio de comunicação, a respeito daquele a quem adoramos como Senhor e Salvador. A Palavra encarnada e a Palavra escrita são correlativos. Não ousemos usar outros meios de impressão ou de sentimento, mas os da Sua instituição e prescrição somente. Cada pensamento e impressão dEle deve evocar adoração. Nós O adoramos com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus. Usar uma imagem de Cristo como um auxílio para o culto é proibido pelo segundo mandamento, tanto quanto isto é proibido em relação ao Pai e ao Espírito.

*Republicado a partir de Reformed Herald, Fevereiro de 1961.*



